

André Amorim Martins
Naiana Mendes de Moraes

**GRUPO DE MULHERES EM UMA ESTRATÉGIA SAÚDE DA
FAMÍLIA: SUA ORIGEM E 'CONSOLIDAÇÃO'**

1ª Edição



978-85-54101-05-3

Escola Cidadã
Contagem
2019

GRUPO DE MULHERES EM UMA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: SUA ORIGEM E ‘CONSOLIDAÇÃO’

©2019, Escola Cidadã.

Contagem, Minas Gerais.

Editores(as):

Fabiola de Almeida Guedes e Otavio Henrique Ferreira da Silva.

Capa e Diagramação:

Equipe Escola Cidadã.

Revisores:

Leonardo Luiz da Silva Terrezza e Equipe Escola Cidadã.

M384g André Amorim Martins.

M827g Naiana Mendes de Moraes.

Grupo de mulheres em uma estratégia saúde da família: sua origem e ‘consolidação’ / André Amorim Martins, 1980; Naiana Mendes de Moraes, 1993. 1. ed. Divinópolis, MG. Contagem, MG: Editora Escola Cidadã.

58 p.; 21cm.

ISBN: 978-85-54101-05-3

Todos os direitos desta edição são reservados aos autores da obra.
Copyright [2019] by André Amorim Martins; Naiana Mendes de Moraes.

1. Psicoterapia de Grupo. 2. Estratégia Saúde da Família. 3. Saúde da Mulher.
4. Psicologia da Saúde. I. Título.

CDD: 362.10981



Livros técnicos, científicos e profissionais.

Tel.: (31) 98473-9867 / E-mail: editoriaec@gmail.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
1. INTRODUÇÃO.....	07
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
3. MÉTODO	13
4. RESULTADOS	15
4.1. O contexto histórico do Grupo de Mulheres: do início a sua consolidação	16
4.2. Aspectos particulares do Grupo de Mulheres (características)	20
4.3. A importância do trabalho em grupo	26
4.4. O estágio curricular na ESF: pontos positivos e negativos	31
4.5. O trabalho em grupo.....	35
4.6. Dificuldades enfrentadas na realização deste trabalho.....	40
5. DISCUSSÃO.....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
7. REFERÊNCIAS	55
SOBRE OS AUTORES.....	58

APRESENTAÇÃO

Caro(a) leitor(a),

as práticas grupais terapêuticas têm apresentado uma grande potência em ações de promoção de saúde por lidarem com as expectativas de participação, solidariedade e compartilhamento das soluções da vida em conjunto a outras pessoas.

Apresentada neste livro, a experiência com o Grupo de Mulheres em uma Estratégia Saúde da Família (ESF), vivida por várias pessoas, descreve a origem do grupo, até sua ‘consolidação’, apresentando suas características, os impactos causados na ESF, a importância do trabalho em grupo para a Psicologia e as transformações ocorridas na vida das mulheres ao longo dos anos.

A ação foi desenvolvida via estágio curricular do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Unidade Divinópolis, com início em 2012 e com vigência atual. Essa e outras ações foram reunidas dentro do Núcleo de Psicologia sobre Educação, Paz, Saúde, Subjetividade e Trabalho (Grupo CNPq/UEMG), a partir de 2017, favorecendo a produção de materiais acadêmicos de diversas modalidades.

Para a produção deste livro, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as participantes do grupo, trabalhadoras da ESF e com ex-estagiárias facilitadoras do grupo. Como dados secundários, foram utilizados os relatórios de estágios produzidos no período compreendido entre o primeiro semestre de 2013 e o primeiro semestre de 2017.

A partir das entrevistas coletadas, foi possível destacar seis marcadores analíticos que se encontram nos resultados deste trabalho.

Na discussão, identificou-se que o Grupo de Mulheres está coerente com a literatura. Por fim, com o desenvolvimento deste trabalho, espera-se contribuir com a Psicologia e com outros saberes envolvidos na saúde, pois o trabalho com grupos é uma modalidade rica em aprendizados e causa de transformações importantes nos territórios existenciais.

Aproveitem as reflexões deste livro.

Desejamos uma boa leitura!

Divinópolis, maio de 2019.

André Amorim Martins

Naiana Mendes de Moraes

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, conforme Almeida e Malagris (2011), a área da Psicologia da Saúde encontra-se como um campo de nova atuação desde a década de 1970. Atualmente, o mercado de trabalho destinado ao profissional da Psicologia alcançou grande evolução, possibilitando a ampliação nos campos de sua atuação. Nesse contexto de crescente demanda, a Psicologia da Saúde nasce com o propósito de compreender e operar na relação do sujeito com suas experiências, sejam elas com o corpo saudável ou com o corpo doente e suas transformações.

Cronologicamente, o campo da Psicologia da Saúde nasceu após o Movimento da Reforma Sanitária e da Luta Antimanicomial. Concomitantemente, implantou-se o Sistema Único de Saúde (SUS), que tem como primazia fornecer novas formas de tratar e cuidar, com o objetivo de promoção e prevenção, por meio de um trabalho em rede, enfatizando estratégias territoriais com integralidade (DIMENSTEIN *et al.*, 2009).

Em 1990, para a organização do SUS, começam a ser construídas as normativas sobre esse sistema. Segundo Franco e Merhy (2004), os serviços de Atenção Básica têm como principal foco possibilitar o acesso das pessoas aos serviços de saúde. Esse tipo de serviço desenvolve ações em um território geograficamente conhecido, facilitando que os profissionais atuantes nesse território obtenham maior aproximação da população e, com isso, gerem uma compreensão antecipada da história de vida dos indivíduos, promovendo vínculos com a comunidade onde vivem, bem como com aspectos referentes a outros elementos do seu contexto de vida.

Desse modo, a partir de 1994, a Estratégia Saúde da Família (ESF) tem recebido grande investimento para ser o modelo de produção do cuidado dentro da Atenção Básica à Saúde. Tem como característica uma proposta de reestruturar as tecnologias de trabalho, atribuindo respostas de acordo com a necessidade básica da população, oportunizando o primeiro contato do usuário com o Sistema de Saúde, constituindo, assim, sua “porta de entrada”. No entanto, a ESF não deve ser apenas um local para triagens e encaminhamentos. Deverá também ser resolutiva, com uma equipe de profissionais capacitados a acompanhar os mais diversos problemas da população e, ainda, manejá-los junto aos diversos saberes, sendo promovida uma série de atividades individuais e coletivas (BRASIL, 2000).

A equipe da ESF é composta por uma equipe multiprofissional que possui no mínimo: um médico com especialidade em medicina de família; um enfermeiro (de preferência que tenha conhecimento em saúde da família); um auxiliar ou técnico de enfermagem; os Agentes Comunitários de Saúde (ACS); o cirurgião dentista com especialização em saúde da família e um auxiliar ou técnico em saúde bucal. Podem ser adicionados outros profissionais de acordo com a necessidade da região, como, por exemplo, o profissional da Psicologia. Ressalta-se que esse tipo de serviço é uma reorientação ao modelo assistencial, transcendendo às limitações de um programa setorial de saúde (BRASIL, 2017).

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP), o Psicólogo Clínico

atua na área específica da saúde, colaborando para melhor compreensão dos processos intra e interpessoais, utilizando enfoque preventivo e/ou curativo, isoladamente ou em equipe multiprofissional e em diversas instituições. Realiza também, pesquisa, diagnóstico, acompanhamento

psicológico e tratamento psicoterápico na modalidade individual ou grupal, através de diferenciadas abordagens teóricas (CFP, 1992, p. 1-2).

Mas a prática do Psicólogo na Saúde é mais abrangente do que essa descrição. Posteriormente, em 2010, o CFP publica um livro sobre as “Práticas Profissionais de Psicólogos e Psicólogas na Atenção Básica à Saúde”, produzido pelo Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP). Nesse material, compreende-se que o Psicólogo está na Gestão, Docência e Atenção ao Usuário e Familiares (em muitas modalidades, com destaque para o Atendimento psicológico grupal).

É possível compreender que o Psicólogo atuante dentro da ESF, por se inserir em um trabalho de equipe multiprofissional, visará trabalhar com indivíduos, famílias e com a comunidade, podendo oferecer, também, atendimentos de caráter individual (lembrando que esses não são prioridades do serviço) e atendimento grupal, atendendo a crianças, adultos e idosos, pautando-se sempre na promoção da saúde e na prevenção de doenças dos usuários.

Imbricada a essa temática, há a Estratégia Saúde da Família (ESF) situada no município de Divinópolis - MG, sendo uma organização de atendimento à saúde, do tipo Centro de Saúde, Unidade Básica, cadastrada no Ministério da Saúde. A ESF está apta a prestar serviços de Saúde da Família, Clínica Geral, Psicologia, Odontologia, Ginecologia, Controle de Tabagismo, pré-natal-Natal/Parto à população e toda região do bairro atendido (CNES, 2018). Destaca-se que essa ESF, em que houve atuação, é do tipo II, por ter duas equipes mínimas no mesmo estabelecimento e uma população cadastrada na ESF de 5000 a 8000 usuário.

A ESF também conta com a prestação de serviços realizados pelos estagiários de Psicologia vinculados à Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Unidade Divinópolis, trabalhando com atendimentos ao Grupo de Mulheres e ao Grupo de Adolescentes, como também Atendimentos Individuais, Plantão Psicológico e Visitas Domiciliares, sob a supervisão de um orientador na perspectiva da Psicologia Social e da Saúde Coletiva, desde 2012.

Logo, este trabalho intitulado '*Grupo de Mulheres em uma Estratégia Saúde da Família: sua origem e 'consolidação'*' tem como objetivo geral compreender o surgimento do grupo de mulheres na ESF, promovendo a divulgação deste trabalho e possibilitando maior acesso à informação para outros profissionais atuantes na Atenção Básica. A palavra '*consolidação*' utilizada no título deste trabalho está entre aspas, pois insinua que o Grupo de Mulheres se encontra, de certo modo, estabilizado, por existir há, aproximadamente, seis anos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, de acordo com Abade *et al.* (2006a), toda a vida do ser humano está atravessada por grupos, sejam eles a família, grupos de amigos, do trabalho, entre tantos outros. É a partir dos grupos que o ser humano se reconhece enquanto integrante de uma sociedade, inserido em uma teia de relações/papéis sociais desempenhados e, através desses, constrói sua vida. Todos os grupos em que o ser humano está inserido apresentam uma característica e uma ligação com uma instituição, além de valores e práticas sociais personificadas.

As autoras ressaltam que os grupos possuem leis, normas, práticas e costumes, sejam esses para a família, amigos, religião, política, etc. No entanto, os grupos também possuem uma história

própria, assim como aspectos particulares que constituem ao mesmo tempo seu próprio jeito de ser e funcionar, além de certa singularidade e pertencimento social, fazendo-se semelhante a outros grupos. Pode-se, então, conceituar o grupo como um conjunto de pessoas que se unem entre si porque colocam objetivos e/ou ideais de comum acordo com todos os membros e que se reconhecem unidos por esse grupo, devendo, assim, manter relações 'face a face'.

Entretanto, as autoras também destacam que os participantes de um grupo constroem um objetivo comum, porém continuam tendo sua individualidade, sendo necessário apresentar um consenso no grupo, sempre partindo de acordos que se modificam com o tempo. Dessa forma, conflitos e divergências fazem parte da história dos grupos e precisam ser trabalhados para a construção consensual de todos.

Com efeito, as autoras ainda explicam que o processo grupal se configura como uma 'dinâmica' e que, para se constituir, é necessário levar em consideração, primeiramente, a dinâmica interna do grupo, suas características, fases e os elementos do processo grupal, além dos fatores que o interferem, como complicadores e atenuadores. É necessário, além disso, observar a dinâmica externa, o que influencia o grupo em relação às forças sociais e institucionais, como também os métodos de trabalho que se modificam, pois condizem com as características e objetivos dos grupos (ABADE *et al.*, 2006a).

Para Rogers (2002), os grupos de encontro podem ser vistos como um acontecimento de mais rápida expansão e de mais poderosa intervenção social, pois proporcionam aos participantes a troca de experiências e resolutividade. Em quase todos os casos, os grupos contêm de oito a dezoito participantes, não necessariamente sendo estruturados, podendo escolher seus próprios objetivos e direções pessoais. Geralmente, incluem alguma experiência e informação teórica

passada por um líder que, por sua vez, responde pelo grupo e se caracteriza como o facilitador, podendo então desenvolver um clima psicológico de segurança e de promoção da liberdade de expressão e da redução de defesas, criando, assim, um clima de confiança mútua.

O autor explica, ainda, que os participantes de um grupo se sentem menos inibidos pela possibilidade da mudança de atitudes e comportamentos pessoais por métodos profissionais (como os Grupos de Encontro) ou por processos administrativos de relação, o que torna o grupo menos ameaçador, pois os membros podem, então, ouvir uns aos outros e aprender uns com os outros em maior escala. Desse modo, há o movimento de *feedback* em que há um retorno que vai de uma pessoa à outra, de forma que o indivíduo aprende como é visto pelos outros à sua volta, gerando uma fluidez que proporciona novas relações interpessoais com maior liberdade e aumento da comunicação, emergindo novas ideias, novos conceitos e direções.

Já os grupos que existem na Atenção Básica costumam ser orientados de acordo com as ações programáticas, pautando-se pelo modelo homogêneo de organização da ESF, centralizado em grupos prioritários de doenças/agravos (tabagismo, hipertensão, diabetes, etc.) ou outros de acordo com a necessidade, tendo como objetivo provocar impactos nos indicadores da educação em saúde comumente baseada num modelo de transmitir o saber profissional. Portanto,

a direção do trabalho seria que o grupo se entendesse como permeável a outras possibilidades de discurso e encontros, articulando-se com um conjunto de discurso histórico produzido na família, escola, igreja, hospitais, centros de saúde. O grupo será uma oferta do serviço e mais um ponto da rede social de cuidado aos usuários no território de referência. A verdade do profissional em saúde deve estar em articulação com as várias verdades do território, coletivos, indivíduos. A perspectiva de

grupos, desse modo, deve estar pautada em uma flutuação entre o normativo e o criativo e não somente no caráter normativo que vem tendo especial importância na conformação dessa oferta pelas equipes de Atenção Básica (BRASIL, 2013, p. 121-122).

Finalmente, os Cadernos de Atenção Básica do Ministério da Saúde descrevem que

o processo grupal, desde que bem pensado em sua finalidade, estrutura e manejo, permite uma poderosa e rica troca de experiências e transformações subjetivas que não seria alcançável em um atendimento individualizado (BRASIL, 2013, p.121).

3. MÉTODO

O presente trabalho consiste em um estudo de campo, de caráter descritivo, transversal e com abordagem qualitativa, conforme proposta por Minayo (2014), a exemplo de pesquisas que discutem relações e percepções do cotidiano dos indivíduos, abarcando as formas como esses pensam, sentem e vivenciam, por meio de relatos de experiências na perspectiva da Psicologia Social e da Saúde Coletiva.

O campo pesquisado foi um estabelecimento da Atenção Básica de saúde, isto é, uma Estratégia Saúde da Família (ESF) do tipo II, localizada na cidade de Divinópolis, Minas Gerais, sendo a instituição vinculada à Prefeitura Municipal de Divinópolis (CNES, 2018). A unidade de Saúde conta com os trabalhos realizados pelos estagiários de Psicologia da UEMG, sob a supervisão de um professor-orientador, assim como o trabalho com o Grupo de Mulheres e o Grupo de Adolescentes, além de atendimentos individuais, Plantão Psicológico e Visitas Domiciliares.

Para a coleta de dados primários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e a aplicação do questionário sociodemográfico para, assim, obter informações e conhecimentos relevantes dos participantes. Para a realização desta pesquisa, foram efetivadas visitas à ESF citada, sendo feito, primeiramente, o contato com 4 pessoas da equipe, 3 usuárias que participam há mais tempo do Grupo de Mulheres e 9 ex-estagiárias que já tiveram a experiência de trabalho com o grupo.

Os sujeitos citados aceitaram participar de forma voluntária do trabalho, constituindo-se em um total de 16 participantes. Foram aplicados um Questionário Sociodemográfico, com questões acerca da vida pessoal e social das pessoas que trabalham, utilizam e já estagiaram na instituição, assim como perguntas relacionadas ao seu cotidiano.

Em seguida, ocorreu a entrevista semiestruturada com as entrevistadas, conforme a disponibilidade de cada participante, com o objetivo de identificar o surgimento do Grupo de Mulheres e a sua importância para as usuárias e para a instituição, o que possibilitou maior informação sobre o trabalho que é realizado na Unidade há aproximadamente seis anos. Ainda, como dados secundários, foram utilizados os relatórios de estágios, como fonte bibliográfica, produzidos pelos estagiários entre o primeiro semestre de 2013 e o primeiro semestre de 2017. Nesses documentos, pode-se observar uma riqueza de informações sobre as ações desenvolvidas em cada atividade semanal e a percepção de cada moderadora/estagiária sobre o desenvolvimento do grupo. Para a fundamentação teórica desta pesquisa, foram utilizados livros que cotidianamente são manuseados durante o curso de Psicologia.

No decorrer deste livro, os participantes serão identificados pela letra “P” seguida por uma numeração de 1 a 16, em respeito às questões

éticas, sendo de P1 a P4, os membros da equipe, de P5 a P7, as usuárias da Unidade, e de P8 a P16, as ex-estagiárias que trabalharam com o Grupo de Mulheres na ESF.

4. RESULTADOS

Segundo as informações coletadas nos dados demográficos, os participantes desta pesquisa são todos do sexo feminino. Primeiramente, foram entrevistadas 4 trabalhadoras da equipe, casadas e residentes em Divinópolis, apresentando faixa etária entre 35 a 53 anos. A maioria possui Ensino Superior, constituindo-se a maior parte de Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Em seguida, foram entrevistadas 3 usuárias assistidas há mais tempo pelo Grupo de Mulheres, com faixa etária de 46 a 59 anos, residentes em Divinópolis, sendo a maioria do lar, casada e com, no máximo, o Ensino Médio completo. Por último, foram entrevistadas 9 ex-estagiárias de Psicologia, que realizaram o estágio curricular com o Grupo de Mulheres na ESF. Essas apresentam a faixa etária entre 26 e 56 anos e, em sua maioria, são solteiras e moradoras da cidade de Divinópolis. Todas possuem Ensino Superior, atuando, majoritariamente, no campo da Psicologia Clínica. Ao todo, 16 pessoas foram entrevistadas nesta pesquisa. Vale ressaltar que, a partir das entrevistas semiestruturadas coletadas, foi possível destacar seis marcadores analíticos que se encontram nos resultados deste trabalho (tópicos de 4.1 a 4.6).

4.1. O contexto histórico do Grupo de Mulheres: do início a sua consolidação

Para o Institucionalismo, a história não significa apenas a reconstrução daquilo que já ocorreu, mas, também, consiste em localizar aquilo que teve um início, dando destaque no passado enquanto ele permanece vivo no presente, ou seja, recordando o passado no momento presente, lembrando que o passado e o presente se reconstróem incessantemente, desde valores inspiradores até um presente crítico e revolucionário (BAREMBLITT, 2002).

Para Bosi (2013), a Psicologia Social esboça que a memória se apresenta como uma condição organizadora e que, portanto, se faz necessário aprovar os caminhos percorridos de quem recorda ao expor seu relato, pois se configura nos mapas afetivos da sua experiência e da experiência do seu grupo. Dessa forma, será descrito aqui o contexto histórico do Grupo de Mulheres, desde seu surgimento até sua ‘consolidação’, respeitando-se o relato dos participantes, da equipe e de ex-estagiárias¹.

Inicialmente, a ESF possuía uma enorme demanda de atendimentos, pois não havia psicólogo na Unidade, apenas um médico generalista. No final do ano de 2011, aproximadamente no período de agosto a dezembro, P4, Agente Comunitária de Saúde (ACS), foi quem apresentou a iniciativa de criar um trabalho que oferecesse atendimento em grupo para a Unidade:

1. É importante destacar que todas as entrevistas citadas foram transcritas nesta pesquisa da forma como foram coletadas, ou seja, optou-se por não realizar correções linguísticas de qualquer espécie no texto, a fim de que fosse preservada fidelidade à forma e ao pensamento das entrevistadas.

o grupo surgiu vendo a necessidade, na Unidade, de pacientes com medicamentos de uso contínuo. Na época, ainda não havia psicólogos e tínhamos uma demanda muito extensa. Então, eu, em parceria com a Igreja Batista – visto que na época a Unidade de Saúde era localizada em um pequeno barracão, sem espaço físico para outras atividades –, juntamente com uma das irmãs da igreja e uma psicóloga formada que lá atuava, começamos o trabalho com grupos. Esse teve duração de aproximadamente um ano.

De acordo com a ACS P4, quando esse grupo chegou ao fim, ela procurou o psicólogo e professor da UEMG Divinópolis, para lhe falar sobre seu interesse por trabalhos com grupos e sobre a enorme necessidade que a Unidade estava passando, por não haver psicólogo na Unidade e existir uma enorme fila de espera para atendimentos psicológicos. Foi então que começaram os estágios curriculares conveniados à UEMG e voltados para grupos, ficando acordado que esses iniciariam no ano de 2012.

Com a chegada das estagiárias à Unidade, a ACS P4 começou a se dedicar mais a seu trabalho devido às inúmeras visitas que precisava realizar e, com isso, alcançar a sua meta profissional. Relatou, porém, que a equipe, no início, não confiava que o trabalho com grupos iria para frente. Ressaltou, assim, que

com as orientações do professor direcionadas aos estagiários e à equipe, surtiu efeito tranquilizador na Unidade, por ser o supervisor dos estagiários. Então eles iam preparados para o trabalho com grupos. Além disso, havia chegado nesta mesma época uma psicóloga na Unidade de saúde, o que fez a equipe começar a pensar de forma diferente. Foi então que onde apenas os estagiários de Psicologia passaram a trabalhar com grupos (P4).

Como na Unidade ainda não havia espaço físico para atender às usuárias, conforme já citado acima, fez-se um acordo com a igreja

próxima à ESF, a fim de que os atendimentos aos grupos conveniados à Unidade de Saúde pudessem ocorrer no salão desta igreja. A ACS P3 relata que “Este trabalho começou em 2013 com reuniões para pais e crianças, com duas estagiárias. Os encontros começaram a ocorrer semanalmente”.

As entrevistadas P11 e P15 foram as primeiras estagiárias a fazerem o trabalho com o grupo, no ano de 2013. Inicialmente, a proposta era cuidar das gerações futuras, fazendo intervenções com os pais e com os filhos. Entretanto, quem mais participava das atividades eram as mães. P11 relata que

para começarmos o trabalho com os grupos, fizemos o projeto e mostramos para toda a equipe. O que foi encantador... O projeto tinha como objetivo garantir a saúde psíquica e verificar as influências do outro para o ser humano. E como cuidar das gerações futuras sem cuidar das mães? Foi, então, onde começamos. Fizemos inscrições para quem tinha o interesse de participar e montamos dois grupos para trabalhar com doze temas pré-estabelecidos. Após esses doze temas, os outros seriam tragos pelos membros. Ficamos por um ano com este trabalho, de março a dezembro, o que foi muito importante, pois conquistamos confiança das usuárias, além do efeito positivo que o nosso trabalho surtiu.

Em seguida, no primeiro semestre de 2014, entre março e julho, P9 e P10 estagiaram com o grupo. Para P10, “Este trabalho tinha o objetivo de ter um olhar para aquelas mulheres que tinham precisão objetiva”. Já no segundo semestre de 2014, de agosto a dezembro, as estagiárias P8 e P16 obtiveram a oportunidade de também trabalhar com este grupo. P16 afirma que

quando chegamos, havia apenas um Grupo de Mulheres, e, após nossa chegada, tivemos uma adesão maior, na qual foi preciso dividir o grupo em

dois, um com aquelas que já estavam há mais tempo e o outro grupo com as recém-chegadas. E nós administrávamos os dois grupos. Inicialmente, os grupos eram compostos por mães, porém havia um desejo de que outras mulheres participassem. Essas ainda não eram mães, então o nome do grupo foi modificado para Grupo de Mulheres, com idade acima de dezoito anos. Descobrimos tudo sobre o grupo durante nossa experiência, mas foi o que nos enriqueceu.

Nessa mesma época, ainda no segundo semestre de 2014, as ex-estagiárias P12 e P14 também realizaram estágio com grupos na Unidade, em dias diferentes das estagiárias já citadas anteriormente. A ex-estagiária P12 descreve e explica sua experiência da forma que se segue:

Havia uma enorme fila de espera para atendimentos, então começamos a fazer visitas domiciliares e fomos percebendo esta demanda para grupos. Conversamos com nosso orientador e vimos a possibilidade de montarmos um Grupo de Mulheres.

No ano de 2015, no período entre março e julho, a ex-estagiária P13 foi selecionada pelo orientador de estágio para trabalhar com os grupos. P13 descreve que

as demandas do bairro eram voltadas para pais, porém a frequência e queixas eram de mulheres e, assim, se deu a formação do Grupo de Mulheres. E mais especificadamente, onde os atendimentos iniciais eram voltados para acolhimento destas mulheres, vendo a necessidade que cada uma trazia para além de queixas maternas, os atendimentos do grupo se tornaram mais abrangentes e voltados para questões do feminino. O estágio teve a duração de seis meses.

Dessa forma, a participante da pesquisa e ex-estagiária P16 descreveu que, no segundo semestre de 2015, pôde voltar para a Unidade, pois sentiu que aquele trabalho ainda precisava de sua

contribuição para que não findasse, descrevendo que essa experiência foi o que deu força para as mulheres ficarem mais assíduas.

Além disso, segundo os relatórios de estágio produzidos no ano de 2016, entre março e julho, os encontros do Grupo de Mulheres ainda ocorriam no salão da igreja, contando com a participação das usuárias que eram assíduas desde o início do trabalho com grupos.

Já no segundo semestre de 2016, a pedido das usuárias, as mesmas estagiárias deram continuidade ao trabalho com o grupo, compreendendo que apenas os seis meses foram insuficientes para o trabalho terapêutico. Além disso, neste período de agosto a setembro, havia sido inaugurada a nova Unidade com estrutura padrão do Ministério da Saúde, inclusive com uma sala destinada apenas para os atendimentos em grupo. P2, membro da equipe, afirma que

Com a nova Unidade inaugurada, o grupo passou a ser mais visível a todos, tanto por nós da equipe, quanto pelas usuárias, surgindo maiores oportunidades de adesão por ter um bom espaço e ótima localização. Além disso, é um trabalho eficaz.

Por fim, em 2017, outras duas estagiárias foram trabalhar com esse grupo em que, conforme os relatórios descritos por elas, os encontros também ocorriam na nova sede da Unidade Básica.

4. 2. Aspectos particulares do Grupo de Mulheres (características)

Os temas gerados nos trabalhos em grupo, segundo Abade *et al.* (2006a), surgem do próprio grupo, de suas vivências, conflitos e desejos, configurando-se como um trabalho diversificado. Nesse sentido, o Grupo de Mulheres da ESF, com aproximadamente seis anos de existência, já apresentou muitas características e diversas temáticas, sofrendo algumas variações. Portanto, nesse aspecto, será tratado como de fato

ocorriam os encontros ao longo dos anos e quais as suas características, em concordância com o relato das ex-estagiárias, da equipe e das usuárias.

A maioria dos membros da equipe entrevistada explicou que, de início, o grupo tinha o objetivo de trabalhar com pais, mães e filhos. Porém, com o tempo, participavam apenas as mães. Dessa forma, começaram a surgir temáticas muito específicas e que só diziam respeito a essas mães. Também se constatou que as mães eram mulheres cheias de dúvidas, vontades, angústias, medos, entre outros sentimentos, e que era preciso, por isso, que o grupo se desmembrasse em um Grupo de Mulheres.

A demanda da Unidade, de acordo com a equipe, era muito extensa, sendo necessário que as estagiárias desmembrassem da seguinte forma o grupo: um para mulheres que já participavam há mais tempo e outro para aquelas que nunca participaram dos atendimentos de psicoterapia em grupo, como já foi relatado acima. Com o tempo, porém, as mulheres dos grupos foram se fortalecendo, começaram a criar vínculos, até formar apenas um grupo.

Desse modo, uma das entrevistadas membro da equipe listou algumas das principais características que esse grupo apresentava

a carência psicológica das mulheres, a carência afetiva... Viviam muito dentro de suas casas com os filhos e maridos, não obtinham uma vida dedicada a elas, sempre muito sobrecarregadas. Os encontros são bem dinâmicos, diversos, semelhantes à vida sempre em transformação, com estagiárias diferentes, mas continuando com o mesmo objetivo: promover qualidade de vida (P4).

Outro membro da equipe, P2, salientou que

as reuniões, pelo que sei, aconteciam e ainda acontecem semanalmente e sempre ocorreram

assim, uma vez por semana. O critério para participar deste grupo, até pelo que procurei saber pelas estagiárias, é que sejam mulheres, a partir de 18 anos de idade. Inclusive, como faço muitas visitas domiciliares, por ser ACS, divulgo o trabalho das estagiárias, e as mulheres da minha área costumam me perguntar, 'o que vou fazer num Grupo de Mulheres?' 'O que vou falar lá?'. Gosto de explicar que o grupo é uma forma de buscar um objetivo de melhora de vida, onde elas podem adquirir características como autoconfiança e dedicar um tempo para si mesmas.

Entretanto, os integrantes da equipe, P1 e P3, disseram que, de início, as usuárias do grupo eram muito fechadas e não davam abertura para que outros membros participassem. Por isso, buscaram conversar com as estagiárias, a fim de desconstruírem esse pensamento das usuárias:

De início, as usuárias não davam abertura para outras pessoas participarem. Conversamos com as estagiárias e com a atuação do Outubro Rosa, em 2016, por se configurar aberto para todas as mulheres. Elas começaram a se abrir para novas pessoas (P3).

A ex-estagiária entrevistada, P11, também enumerou as características deste grupo:

no início, tudo foi novidade, as usuárias eram bem fechadas, mas, com o tempo, foram se abrindo e ficando amigáveis, passando a confiar em nosso trabalho. Levávamos temas estabelecidos no primeiro semestre de 2013. Já no segundo semestre, deixamos a cargo delas apresentarem temáticas conforme tinham o desejo de ser tratado nos encontros, surgindo lindas temáticas. As mulheres até *notebook* levavam para apresentarem. Participavam mulheres com dificuldades no âmbito familiar. Trabalhamos muito em cima de dinâmicas, partilhas, atendimentos com essas mulheres em grupo e para algumas individuais caso fosse necessário e com os filhos nas residências,

funcionando duas vezes por semana por causa de serem dois grupos.

Em seguida, a ex-estagiária P10 observou que o grupo era um Grupo de Mulheres que precisava de terapia, socialização e carinho, descrevendo que

estas mulheres eram bastante unidas. Houve um crescimento de cinco pessoas para quinze participantes. Elas se respeitavam muito. Era um grupo fraternal, se ajudava. Além disso, fazíamos com elas dinâmicas, sempre levantávamos o que elas gostariam que trabalhássemos. Utilizamos diversas temáticas com textos, artigos, danças... Preparávamos com muito carinho cada encontro.

Nesse sentido, a ex-estagiária P8 afirma que

quando começamos o nosso trabalho, a ideia era ser um grupo de mães, e com o tempo, se transformou em Grupo de Mulheres. Levávamos temas que sentíamos a necessidade de trabalhar devido às demandas e propusemos a elas que colocassem numa caixinha temáticas que elas gostariam que trabalhássemos. O grupo tinha mais ou menos duração de uma a duas horas. Porém, havia temáticas com tanta demanda que, durante o encontro, elas mesmas pediam para falar. Percebemos um grupo que de início se encontrava sem rumo, no qual tivemos a iniciativa de modificar isso. Tanto é que em todos os encontros, ao final, elas eram quem escolhiam a próxima temática do próximo encontro. Os encontros ocorriam nas terças e havia semanas que atendíamos nas quintas também, configurando-se como encontros bem dinâmicos. Nós sempre as orientávamos, pedíamos para aquelas que não estavam bem naquele dia que ficassem após o encontro para fazermos atendimento individual. Ainda, o grupo como um todo, continha mulheres de aproximadamente 35 a 78 anos que participavam assiduamente. Nesse grupo, participavam as mais antigas. Elas nos ouviam quando levávamos as temáticas escolhidas por elas e também opinavam entre si. Quando

saímos do estágio, deixamos um Grupo de Mulheres que tinha desejo de permanecer no grupo.

Com relato semelhante, a ex-estagiária P12 afirma que

trabalhávamos com este grupo, com rodas de conversas. Sempre organizávamos uma dinâmica de acordo com a temática do dia. Também eram discutidas questões do cotidiano em que contamos com a ajuda da fisioterapeuta que já realizava atividades de alongamento na semana. Aproveitamos a oportunidade do grupo que já estava formado e convidamos aquelas mulheres para participar dos nossos encontros que ocorriam após a fisioterapia. Esse grupo era composto por mulheres que em comum apresentavam dificuldades diárias, com enfoque em discutir questões familiares e psicológicas que influenciavam suas vidas e seu bem-estar. Elas gostavam tanto do nosso trabalho que ocorreu um dia em que nós precisamos faltar e as próprias usuárias se organizaram para fazerem o encontro. Nossos atendimentos em grupo tinham duração entre 1 hora e 30 minutos e aconteciam na parte da tarde. Já no quesito de idade, participavam mulheres mais velhas, 'jovens senhoras', na faixa de 40 anos, vivenciando experiências semelhantes, sendo um grupo bem participativo. Ao final de cada encontro, as deixávamos muito livres para escolherem a temática do próximo encontro. Então, percebemos que o nosso trabalho começou a surtir efeito nas usuárias, com aproximadamente 15 participantes.

Da mesma forma, a ex-estagiária P13, ao descrever as características do grupo, ressalta o seguinte:

o nosso trabalho foi com um grupo que contava com a participação de mulheres que já estavam inseridas desde o início, sendo um público diversificado, onde os assuntos se voltam para queixas da rotina de trabalho, dos maridos, filhos, questão de autoestima e cuidados pessoais, sendo realizados oficinas e encontros temáticos.

No entanto, a ex-estagiária P16, ao retornar para o trabalho em grupo, explica:

quando voltei para este trabalho, percebi um grupo participativo. Porém elas queriam ouvir mais, eram questionadoras em algumas temáticas. Os encontros ainda eram no salão e, em dias que se encontrava muito quente, fazíamos os encontros do lado de fora, no corredor.

Porém, em 2016, conforme observado nos relatórios de estágio, o trabalho com o grupo era mais visível a todos, se configurando como um grupo formado pelas mulheres que já participavam há mais tempo, sendo um grupo homogêneo, que contava com a participação de mulheres adultas, com heterogeneidade de idades dos 18 aos 65 anos. O trabalho passou a formar um vínculo forte com a Unidade de Saúde, promovendo parcerias até com outros profissionais. A propósito, em alguns encontros, a equipe da ESF participava junto das usuárias.

Neste contexto, em 2017, segundo os relatórios, os encontros passaram a ficar muito extensos, fazendo com que as estagiárias modificassem a forma de conduzi-los. Elas marcavam o tempo para cada uma abordar a temática do dia, deixando que as usuárias também explanassem suas queixas e opinassem o que notassem necessário. Nesse período, as estagiárias propunham atividades para as usuárias fazerem em casa e levarem para o próximo encontro, resultando em temáticas bastante instigadoras, como sexualidade, autoestima, entre outras.

É importante frisar que todas as usuárias entrevistadas explanaram sobre o tipo de trabalho desenvolvido no grupo. P5, por exemplo, esclarece:

percebo que, desde o início, o trabalho não tem fronteiras, ou seja, atende a qualquer mulher acima

de 18 anos que quiser participar, independente de sua localização. E a pessoa tem que querer participar e saber manter o sigilo, pois esse é fundamental para o processo grupal.

Para P6, “as reuniões em grupo são liberadas para quem quiser participar, desde que sejam mulheres maiores de idade. O grupo tem o sigilo, o que é muito importante, pois o que é falado ali fica”. P7 complementa, dizendo que “as reuniões eram conversas e o que conversávamos ficava em sigilo, ali mesmo, e acho isso fundamental para o trabalho”.

4.3. A importância do trabalho em grupo

Os grupos da área da saúde, como descrevem Abade *et al.* (2006b), devem ser espaços onde o profissional promoverá um local acolhedor, de escuta e de articulações entre os participantes. Essa possibilidade permite um lugar para reflexões individuais e coletivas, promovendo o intercâmbio de ideias, crenças e práticas, abarcando o sentir, o pensar e o fazer. Nesse sentido, o contexto do trabalho em grupo é apropriado para sensibilizar, repensar e propor práticas de bem-estar para os participantes.

Assim, as autoras explicam que, como o trabalho em grupo envolve as relações interpessoais, há a constituição de subjetividades e do psiquismo, além de haver aprendizagem e elaboração de novos conhecimentos. Nesse contexto, será descrita a importância do trabalho com o Grupo de Mulheres para os membros da equipe da ESF, para as usuárias participantes, como também para as ex-estagiárias. Do ponto de vista da participante P3, que é membro da equipe,

a importância dos grupos em ESF é justamente trabalhar a promoção da saúde, mudanças

familiares, mudanças de comportamentos, sendo notória a mudança das pessoas através do grupo. O Grupo de Mulheres é um trabalho muito bom, que surte efeito na promoção da saúde, sempre pensando na questão conforme a necessidade do usuário, trabalhando discussões conforme a demanda do grupo.

Nesse sentido, a componente P1 da equipe explica o seguinte:

acho este trabalho fundamental, principalmente para as mulheres que participam, pois se sentem melhores, empoderadas, sendo um grupo importantíssimo para nossa Unidade. Nós, ACS, somos muito cobradas para auxiliar na divulgação do trabalho em grupo pela gestora, visto que já existe há quase 6 anos. Fico muito feliz de saber que o Grupo de Mulheres permanece firme e que a procura por este tipo de atendimento tem aumentado cada vez mais em nossa Unidade.

P2, outra participante da pesquisa e membro da equipe, relata:

tive a oportunidade de participar dos encontros e conhecer o quanto é terapêutico e importante este trabalho. Trabalhar com grupos faz parte da nova reorganização do que é trabalhar em uma ESF, pautando-se principalmente nos coletivos com enfoque na promoção da saúde e prevenção de doenças, como parte das diretrizes da UBS.

Nesse contexto, a integrante P4 da equipe, também relatou que

o Grupo de Mulheres tem sua importância primordial. Este grupo ajuda muito àquelas mulheres a aceitarem tomar medicamentos, a reservarem um tempo para si mesmas. Elas modificam a forma de agir, passam a utilizar os serviços da ESF com maior responsabilidade e frequência.

Por sua vez, a ex-estagiária P11 argumenta que

este trabalho não pode parar. Para nós, foi gratificante. Pudemos trabalhar várias questões com estas mulheres, mostramos o quanto é

importante ter um momento para elas. Além disso, o trabalho em grupo gera produtividade de trabalho (metas) para as ESF e, à época, havia urgência para que este trabalho provocasse efeito na vida das usuárias e modificasse a enorme fila de espera para atendimentos médicos. Acreditamos que era possível este trabalho e percebemos o quanto essas mulheres passaram a lidar com suas dificuldades de outra forma.

Da mesma forma, a ex-estagiária P9 expôs que

através deste trabalho, percebemos o quanto o Sistema Único de Saúde não tem nada amarrado. Através do atendimento em grupo, é possível atingir uma quantidade maior de pessoas atendidas, além de promover saúde psíquica. Com a nossa experiência, notamos o quanto este trabalho é fundamental, pois a maioria dos psicólogos prefere fazer atendimentos individuais em Unidade Básica de Saúde, desconsiderando o trabalho com grupos que, a nosso ver, causa maiores efeitos, pois em grupo, as usuárias percebem que existem outras mulheres que também compartilham dos mesmos sofrimentos e que é possível lidar com eles, ou seja, há várias mulheres que apresentam questões incomuns.

P1 ainda ressalta que

o objetivo é o mesmo ao se realizar este trabalho, mesmo que tenham sido facilitadoras diferentes que foram conduzindo os encontros: capacitar um Grupo de Mulheres que tratam das questões que as incomodam e buscam por mudanças. Tanto é que o grupo existe até hoje, além de reservarem um tempo para si mesmas. A Psicologia nos ensina que devemos ter um olhar diferenciado para com o outro, que devemos trabalhar em acordo com que o outro desejar que trabalhemos. Devemos ser mais humanos e sensíveis para o trabalho.

De acordo com a ex-estagiária P8,

o trabalho com grupos possui extrema importância. O grupo é uma das melhores estratégias em

Unidade Básica de Saúde. Este trabalho chega a extrapolar o grupo. Conseguimos, através dele, atender até demandas de toda a família. Consideramos que este trabalho com grupos não pode morrer, pois é uma experiência enriquecedora e que muito nos despertou um outro olhar para a Psicologia, aquele fora dos moldes já conhecidos e pré-estabelecidos. Compreendemos que o psicólogo em Unidade de Saúde está transpondo barreiras, porque culturalmente a imagem do psicólogo é aquele que atende individual e fica somente dentro da clínica, no *setting* terapêutico. Trabalhar na ESF com este grupo ampliou nossa visão de que o sujeito é muito mais complexo do que se apresenta em uma sala de consultório. Através deste trabalho na Unidade, descobrimos que o conjunto todo tem total influência sobre aquele sujeito, que o sofrimento não nos resume apenas em uma coisa só. Somos uma rede.

Sendo assim, a ex-estagiária P12 afirma que

o desenvolvimento do grupo foi de extrema importância, uma vez que proporcionou para as mulheres que o compunham um espaço de escuta e acolhimento; onde, entre elas, eram feitas trocas de experiências, fortalecimento dos vínculos, socialização e momento de reflexão. O trabalho em grupo é algo que deve ser continuado e sua importância está mais ligada à troca de experiências, diminuição da fila de espera. Percebe-se o quanto faz bem às usuárias, pois trabalha-se muito a questão do empoderamento da mulher, autoestima, ansiedade, estimula a melhora nos relacionamentos, promovendo saúde e informação às usuárias. É uma prática que possui grande importância no campo da Psicologia e que precisa ser muito divulgada. O grupo trouxe bastante experiência acadêmica também para nossa formação. O impacto que as rodas de conversas oferecem para as usuárias e a eficácia do grupo terapêutico foi uma ótima proposta para promover saúde.

Nesse sentido, a ex-estagiária P13 afirma que

a importância dele se dá por ser um local de encontro e acolhimento de suas mulheres, assim como todo grupo de trabalho desenvolvido tem sua importância. É um lugar onde as mulheres têm compromisso de ir por se tratar de um trabalho rico, onde elas percebem que seus cotidianos estão sendo modificados.

Vale ressaltar, também, o ponto de vista das usuárias sobre a sua participação no grupo. P5, por exemplo, relata o seguinte:

acho este trabalho importantíssimo, pois promove debate entre as mulheres participantes e as estagiárias... É aprendizado para todas, estimula a convivência com as diferenças – que são até questões que as estagiárias abordam. Percebo que o trabalho, com as psicólogas coordenando o grupo, nos movimenta.

Outra usuária explicou o seguinte:

participo há quatro anos, gosto muito dos temas, palestras, dinâmicas. As psicólogas nos mostram que somos muito mais capazes do que achávamos que éramos e que esse tempo que tiramos para nós é uma coisa só sua que ninguém te tira. O grupo nos faz aprender. Inclusive, teve uma vez que fizemos uma dinâmica, e eu era uma pessoa muito submissa. Após este dia, passei a modificar essa atitude. Os encontros me ensinaram muito. O grupo é crescimento pessoal, social. Existe o sigilo que também é muito importante, pois é o que faz o grupo ganhar mais credibilidade e nós mulheres passamos a confiar mais nas profissionais que atuam com este trabalho (P6).

Para P6, usuária do Grupo de Mulheres, a vivência nesse grupo tem uma grande importância em sua vida, como pode ser visto em seus dizeres:

para mim, é importante o trabalho em grupo porque aprendemos a conviver com o marido, filhos e com as dificuldades. Aprendi muito. Fazemos amizades com as mulheres que participam, como eu pude

fazer com várias delas. Minha vida melhorou através do grupo, nunca mais vou esquecer. Além disso, têm muitas pessoas que precisam porque, às vezes, não encontram apoio dentro da sua própria casa e, no trabalho com o Grupo de Mulheres, encontram apoio das psicólogas e conosco que participamos dos encontros.

4.4. O estágio curricular na ESF: pontos positivos e negativos

O estágio curricular é uma ferramenta importante no processo de formação dos acadêmicos e faz parte do projeto pedagógico do curso de graduação em Psicologia. Por meio de sua realização, colabora para a transformação do estudante em profissional. Para isso, apresenta-lhe as principais competências práticas da profissão dentre as diversas áreas de atuação, tais como empresas públicas e privadas, escolas, hospitais, organizações não governamentais (ONGs), postos de saúde, dentre outros (BRASIL, 2008).

Dessa forma, o estágio com o Grupo de Mulheres na ESF garante aos estagiários uma prática profissional de trabalho com grupo que deve ofertar ao usuário um espaço de escuta e acolhimento para as mulheres. Prática essa que muitos estudantes de psicologia se recusam a experienciar, visto que precisam disponibilizar energia, preparação de encontros, muito estudo e dedicação. No entanto, como qualquer prática profissional, o trabalho possui pontos positivos e negativos que serão abordados a seguir.

Para uma das componentes da equipe, o estágio na Unidade só tem apresentado pontos positivos:

aqui na ESF, nós da equipe temos aumentado a divulgação do trabalho com o Grupo de Mulheres, por se caracterizar um atendimento eficaz e que já está há muito tempo funcionando bem. Vejo o quanto nós, enquanto equipe, temos comentado

mais sobre esse grupo. Indicamos para nossos usuários nas reuniões de equipe: 'Ah, essa paciente precisa muito do Grupo de Mulheres, vamos divulgar para ela'. A própria equipe tem aderido mais ao trabalho... Acredito que isso se deu pela nova localização, uma Unidade maior. A sala de grupos fica bem na entrada da Unidade, tornando-a algo chamativo. Também acho que a equipe tem muito respeito pelo grupo e pelo trabalho realizado pelas estagiárias, inclusive, até mais do que com outros grupos que funcionam aqui. Acho que é por ser um trabalho que existe há muito tempo e cada vez, cada ano, têm duplas ou trios de estagiários que realizam um excelente trabalho que movimenta este grupo e sempre vai melhorando e crescendo. Só posso salientar pontos positivos, não encontro pontos negativos (P2).

Segundo outra entrevistada e membro da equipe, o estágio também só acrescenta na ESF com pontos positivos, uma vez que

o estágio na Unidade auxilia para conseguirmos fazer um trabalho com maior número de pessoas e não ficarmos apenas com atendimentos individuais. Também, com a mudança para a nova sede, foi o que deu maior visibilidade. E a adesão ao grupo aumentou, acredito, por ser um grupo do qual as estagiárias fazem a escuta daquilo que o usuário traz. Ainda, quando as mulheres chegavam à Unidade, dependendo do que fosse o caso, analisávamos as dificuldades enfrentadas por elas e encaminhávamos para o atendimento do Grupo de Mulheres. E, assim, percebíamos o quanto essas mulheres passaram a modificar suas vidas (P3).

Para P1, membro da equipe, o estágio tem uma importância vital para os envolvidos:

O estágio se configura como um processo muito importante e que não pode cessar, visto que, na ESF, há inúmeras demandas para atendimentos psicológicos, e o atendimento em grupo tem causado efeitos transformadores na vida das mulheres que participam.

Dessa forma, do ponto de vista geral de todas as ex-estagiárias entrevistadas, foi possível perceber o quanto o estágio possui pontos positivos, pois, ao atuarem com o Grupo de Mulheres, as ex-estagiárias explicaram que conseguiram notar uma melhora na qualidade de vida das usuárias após sua inserção no atendimento em grupo, passando a utilizarem mais seus direitos enquanto usuárias e descrevendo que, na vida das participantes, os atendimentos médicos e das enfermeiras passaram a aumentar. Também salientaram que a duração do estágio em Unidade de saúde deve ser de um ano, ao menos, visto que, dessa forma, as usuárias mostram-se mais seguras e confiantes para o atendimento em grupo.

Além disso, as ex-estagiárias perceberam que o professor oferecia liberdade para que descobrissem sua identidade como profissional, uma vez que puderam compreender que se trata de um trabalho que exige do profissional muita dedicação, disponibilidade, responsabilidade, ética e empatia pelos usuários. Além disso, afirmaram que foi essa oportunidade que contribuiu para o desenvolvimento de um trabalho eficaz e duradouro, ganhando credibilidade dos usuários e também de toda a equipe. Vale ressaltar que a maioria das ex-estagiárias entrevistadas atualmente trabalham com atendimentos em grupos.

As ex-estagiárias salientaram, contudo, como ponto negativo, a ausência do profissional psicólogo durante a prática dos atendimentos com o grupo, problema esse que, no entanto, foi sanado pelas orientações do professor.

Adiante, uma das usuárias, P5, enquanto participante do trabalho em grupo, ressalta e observa os seguintes pontos positivos:

o grupo é aberto para qualquer mulher acima dos 18 anos, tem diversidade de idades. Aprendemos durante os atendimentos que a pessoa precisa ter certo controle (respeito) pelo outro. As estagiárias

são éticas, têm respeito pelo outro. Outro fator é que, no momento em que estamos juntas durante o grupo, devemos tentar entender como o outro reage. Há troca de experiências que nos faz enriquecer e aprendermos como saber lidar com os problemas. Como pontos negativos, entendo que o psicólogo da ESF faz muitos encaminhamentos de familiares de outros membros do grupo, o que muitas vezes inibe as pessoas de se abrirem perto do familiar, pois dificulta que as pessoas se abram de maneira mais espontânea, sem medo de julgamentos, e acaba causando incômodo. Também há o empecilho da Unidade em recepcionar outros usuários que não fazem parte daquela região, impedindo as mulheres atendidas pelo grupo de participem das atividades, como ocorreu com uma mulher que faz parte do grupo desde o início. Porém, ela mudou de residência, em um local que está fora do território de abrangência da ESF e, por isso, não pôde ser atendida e acolhida. Houve inclusive tentativas de barrá-la de participar dos encontros, visto que a mesma já fez uso da Unidade diversas vezes e participava assiduamente dos encontros. Mas, no geral, não lembro o nome de todas as estagiárias que passaram pelo grupo, mas em todos os locais, assim como na vida, o trabalho em grupo apresenta, sim, pontos positivos e negativos, assim como também o ser humano, que está passível de cometer erros e acertos. Porém, vejo que todas as estagiárias fizeram o seu melhor. Tanto é que o grupo continua funcionando.

Desse modo, a usuária P6 do grupo de mulheres esclarece que

o ponto positivo é que no grupo uma apoia a outra, cada pessoa que está ali passa a se conhecer melhor, as psicólogas estão ali para nos mostrar que somos capazes de crescer como ser humano. Já como ponto negativo, o único que encontro é a permanência das psicólogas apenas por seis meses. Considero seis meses pouco tempo para as psicólogas conseguirem fazer um trabalho eficaz e acho que devem ficar pelo menos um ano. Além disso, tem a questão da confiança: começamos a confiar no trabalho delas durante estes anos. Apenas três estagiárias permaneceram por um ano.

Por fim, a usuária P7 explica que

os pontos positivos, no meu entendimento... Vemos que todas nós mulheres temos problemas, aprendemos que têm pessoas que passam por coisas mais simples e outras por coisas mais difíceis. Já como ponto negativo, apenas sinto que os encontros na igreja eram melhores, pois não tinham tantas interrupções como na Unidade de Saúde. O pessoal da equipe interrompe muito o trabalho das estagiárias quando elas estão nos atendendo para passarem algum aviso. Acredito que isso pode ser feito em outro momento, a equipe deve deixá-las trabalhar conosco mais à vontade.

4.5. O trabalho em grupo

O Processo Grupal, conforme Lane (2001), tem a função de garantir a produtividade social e, historicamente, tem o objetivo de manter ou transformar as relações sociais. Yalom (2006) destaca que, na medida em que a terapia de grupo ocorre, inúmeras forças transformadoras existem, não sendo possível levantar uma hierarquia absoluta sobre quais são os fatores terapêuticos envolvidos, pois diferentes terapias de grupo beneficiam em distintos fatores curativos. A partir desse fato, será descrito, neste tópico, o trabalho da Psicologia como força transformadora no Grupo de Mulheres da ESF, conforme os relatos dos entrevistados.

A entrevistada P1, outra integrante da equipe, pôde notar que a atuação das estagiárias de Psicologia com o Grupo de Mulheres “Ajudou nossas usuárias atendidas a melhorarem e superar suas dificuldades”. Já a integrante P2 da equipe descreve que

até as queixas dessas mulheres após sua inserção no grupo modificaram. É que, a princípio, várias mulheres procuravam a Unidade com muitas queixas e, após a participação no grupo, melhoraram muito, diminuindo atendimentos

individualizados, aumentando o trabalho em grupo, sendo mais reconhecido principalmente pelo foco, pois é voltado às mulheres, e essas mulheres têm se apropriado mais desse tipo de atendimento.

Em seguida, P3, também membro da equipe, observa o seguinte:

percebo o quanto as mulheres, após participarem dos encontros, passaram a se sentir mais autoconfiantes. O grupo surte um efeito totalmente eficaz e transformador na vida dessas mulheres. Posso citar como exemplo uma das usuárias da minha área: anteriormente, quando não participava do grupo, era muito baixo astral, focava muito na filha, esquecendo de si mesma, seus sonhos e projetos. Mas, com sua inserção no grupo, passou a se preocupar mais consigo mesma, sua aparência, conseguiu dar prosseguimento em sua vida, como no casamento com o cônjuge que há muito tempo morava junto, mas ainda não eram casados.

Adiante, a componente P4 da equipe relata:

percebi que toda a equipe começou a entender que necessita muito do trabalho em grupo em nossa Unidade, pois é notória a mudança dos membros que participam. Mulheres que chegam cheias de demandas e que, através do grupo, começam a produzir novas formas de encarar suas dificuldades. Tanto é que, até nós da equipe, queríamos participar junto com as usuárias.

Da mesma forma, a usuária P5 explica quais foram as forças transformadoras que adquiriu através de sua participação neste grupo:

alcansei grandes ganhos após minha entrada no grupo. Quando aposentei, passei a ter maior disponibilidade para ir nos encontros, pois, de início, participava apenas quando podia. Depois de ter me aposentado, passei a ir semanalmente. Participo desde o início, em 2013. Acho que todos os períodos tivemos algo de bom. Para mim, por exemplo, aprendi a calar na hora certa, respeitar mais o outro. Através do grupo, podemos melhorar

muitas coisas em nossas vidas, a convivência com nossos filhos e namorado. O aprendizado é constante e muito importante.

Outra entrevistada, P6, que é usuária, descreve que

o apoio das profissionais da Psicologia dentro do grupo e suas orientações é que nos dá respaldo. A cada ano, após minha participação, venho me tornando uma pessoa mais forte, mais comprometida comigo mesma. Passei a ter mais equilíbrio emocional, ter mais segurança, passei a ser uma pessoa melhor para mim e para as pessoas ao meu redor. Quando melhorei, tudo à minha volta ficou melhor, passei a lidar melhor com a dor, pois quando cheguei no grupo, estava em grau máximo de depressão e hoje me sinto diferente, me respeito mais, fui moldada, 'virei um vaso bonito'. Antes do grupo, me comparava a uma bola de barro. Aí veio as psicólogas e através das mãos delas foram me modelando, me mostrando as possibilidades, mas que a decisão da minha vida só caberia a mim. Elas me mostraram que poderia ser uma pessoa melhor, que tinha outras possibilidades para mim. Percebo que através do grupo aprendi a lidar melhor com a manipulação dos outros e que, se não tivesse ido até o grupo, não seria essa pessoa forte que me tornei. Cada psicóloga tem sua especialidade. Em geral, com cada uma delas pudemos aprender a lidar com as situações da vida, todas acrescentaram muito.

No mesmo sentido, a usuária P7 afirma que o trabalho em grupo é uma força transformadora, isto é,

o trabalho em grupo ajuda muito às pessoas, principalmente a sabermos que todas as situações têm saída e que não precisa desistir. Participo há quatro anos, tive muitas melhoras, superei muitas coisas, passei a enfrentar melhor os meus problemas, melhorei muito a questão da limpeza. Limpava minha casa umas quatro a cinco vezes por dia, não sabia sair de casa sem deixar a casa limpa e, depois que passei a participar no grupo de mulheres, consegui melhorar a questão da limpeza.

Melhorou demais! Hoje, sei lidar muito melhor com isso.

Compreendendo o papel que as ex-estagiárias tiveram no Grupo de Mulheres, assim como a sua importância, a ex-estagiária P15 afirma que

nós, estagiárias, éramos facilitadoras de todo o processo. Nosso trabalho com o grupo foi muito bem falado, as mulheres que participavam fizeram questão de falar que o grupo fez total diferença na vida delas. Nosso trabalho em grupo resultou-nos na confiança da equipe. As Agentes de Saúde passaram a nos auxiliar muito na divulgação do grupo. Inclusive, nos trouxeram demandas, fazendo nosso trabalho ser reconhecido. A equipe da ESF levou nosso trabalho a sério, dando continuidade com o grupo através do estágio.

Igualmente, a ex-estagiária P9 descreve que

a equipe da Unidade passou a valorizar muito nosso trabalho. Confiaram plenamente em nós e em nosso potencial. O retorno psíquico que estavam recebendo das usuárias que atendíamos em grupo era muito positivo. As mulheres estavam melhores, faziam um movimento diferente após participarem dos encontros. Descobrimos neste trabalho que a clínica vale à pena e que, a cada encontro, era uma satisfação muito grande. Víamos no olhar das nossas pacientes a alegria, pois estavam alcançando diferenças em seus relacionamentos e na vida como um todo. Hoje vemos o quanto este estágio valeu à pena, pois nos enriqueceu muito na prática. A ESF indicava nosso trabalho para outras usuárias, fazendo a propaganda do Grupo de Mulheres de boca a boca, nos dando toda a liberdade para o trabalho. Com isso, sabemos que fizemos a diferença, nos dedicamos muito para isto. As mulheres que participavam perceberam que ali havia a possibilidade de construir suas identidades; antes de serem mães, eram mulheres que tinham desejos, necessidades. Tanto é que elas foram criando possibilidades para suas questões durante os encontros, como questões financeiras.

Elas iam sempre muito alegres para os encontros, eram bastante assíduas, havendo ali uma troca de experiências, uma troca amorosa de experiências e situações.

Para a ex-estagiária P8, a experiência com o Grupo de Mulheres trouxe percepções importantes sobre os resultados alcançados:

percebemos que as mulheres que participavam do grupo sentiam ali uma liberdade. Elas pediam muito para nós abordarmos assuntos sobre relacionamentos. Eram encontros sem julgamentos, sendo momentos nos quais elas poderiam ser elas mesmas. Como havia uma forte ligação entre elas, formaram laços de irmandade e, caso alguém faltava dos encontros, passavam a ir até a residência da pessoa para saber o que houve. Também trocavam muitas informações entre si e conosco. Elas percebiam que ali havia outras pessoas também com problemas. Passaram a refletir 'espera aí, será que meu problema é tão grande mesmo'? Além disso, a equipe entendeu o quanto o trabalho com o grupo estava sendo bom e produtivo. Sempre comentavam a participação das usuárias e, a partir disso, auxiliaram para que as mulheres se tornassem mais assíduas ao grupo, pois ajudavam muito com a divulgação do trabalho.

Ainda sobre as forças transformadoras advindas da participação no grupo, a ex-estagiária P12 pontua o seguinte:

acreditamos que o nosso trabalho com o grupo acrescentou muito para a ESF, gerando grandes ganhos, pois a atitude para a realização do trabalho com o grupo favoreceu para promover um trabalho mais colaborativo entre a equipe, porque sempre encaminhavam as usuárias para o Grupo de Mulheres e divulgavam o nosso trabalho. Também as mulheres apresentaram ganhos após a sua inserção no grupo, como as trocas de conhecimento e aprendizados.

Nesse sentido, a ex-estagiária P13 ainda destaca que

o fato de mulheres buscarem estar inseridas em grupos mostra que muitas delas procuram qualidade de vida. Isso, eu diria, é que se pode se denominar prevenção. A Unidade de Saúde tem seu diferencial por prezar por atendimentos em grupos e por ser aberta a propostas novas de intervenção. Os grupos se beneficiam, não só os usuários, mas os prestadores de serviço, aumentando a qualidade de vida de todos os envolvidos.

4.6. Dificuldades enfrentadas na realização deste trabalho

Durante todo o processo de trabalho com o Grupo de Mulheres, surgiram alguns desafios a serem enfrentados, os quais serão descritos nesta seção. Sobre eles, P3, membro da equipe, explica:

tivemos dificuldades em termos logísticos, de espaços, de atendimentos. A Unidade permanecia fechada nas primeiras quintas devido às ordens da Gestão e as estagiárias tinham que ir para a igreja, junto das usuárias. Infelizmente, tivemos alguns percalços deste tipo.

Da mesma forma, P2, componente da equipe, afirma:

percebi que as estagiárias tiveram dificuldades ao inserir mulheres para participarem do grupo, pois ainda existe muito preconceito em relação aos atendimentos psicológicos. Para nós, ACS, por exemplo, as usuárias ainda procuram atendimentos curativos, individuais e não se preocupam com o preventivo, ou seja, com a promoção da saúde e a prevenção de doenças.

Para P4, integrante da equipe

a dificuldade foi de aceitação das usuárias para participar dos encontros, pois os psicólogos contratados aceitaram bem a ideia do trabalho em grupo na Unidade e as estagiárias eram bem preparadas e coordenavam todo o trabalho.

Da mesma forma, a ex-estagiária P11 descreve que

inicialmente, enfrentamos o tabu que havia na ESF, ou seja, de que nosso trabalho não daria certo. O espaço físico também era bem pequeno, o que dificultou para ocorrer os encontros na Unidade. A questão do sigilo, no início, foi preciso trabalhar com os funcionários, pois muitas vezes as ACS chegavam até nós, comentando um assunto de alguma usuária atendida no grupo, na sala de espera, e as usuárias acabavam descobrindo por terceiros.

É importante mencionar, também, conforme relatado por P9, que

não tivemos dificuldades no processo, pois rapidamente conseguimos agrupar as mulheres, visto que o grupo já existia na época. Acreditamos que todo o graduando em Psicologia deveria passar por um estágio em Unidade Básica de Saúde ou algum que envolva o SUS, pois através dele descobrimos se realmente queremos trabalhar com esta profissão. A atuação em ESF enriquece muito nossa trajetória acadêmica, por se tratar de um local de primeira porta e que todos têm acesso à Unidade Básica de Saúde. São casos diversos e, através do trabalho com grupos, percebemos o quanto precisamos ter um olhar humanizado para os nossos usuários.

Igualmente, a ex-estagiária P8 explica que

no início, as usuárias não tinham responsabilidade com o grupo. Tivemos um pouco de dificuldades para levar algumas temáticas que elas pediam e também na administração do tempo durante os encontros, pois no início extrapolávamos muito o tempo devido à enorme necessidade que elas tinham em falar e expor suas questões.

Para P12, as dificuldades foram de diferentes tipos, conforme pode ser visto:

tivemos a dificuldade de chegar à ESF e não haver nenhum documento sobre o trabalho com o Grupo de Mulheres. Não havia nada pronto, então foi preciso criar a nossa forma de trabalhar. Também tivemos dificuldades para controlar o tempo de encontro e o estabelecimento de vínculos com os membros do grupo. Mas, com o tempo, ganhamos confiança e conseguimos ter uma boa relação e trabalhar os temas por elas demandados.

Finalmente, a ex-estagiária P13 descreve que houve “[...] uma enorme resistência das mulheres devido à troca de estagiárias. Entretanto, mostramos que éramos capazes, fazendo elas confiarem em nosso trabalho, independentemente da idade que tínhamos”.

5. DISCUSSÃO

Conforme destaca Lane (1991), a Psicologia Social possui o foco de estudar as relações entre o indivíduo e a sociedade. Assim, de acordo com a história, analisa como os seus membros se organizam e estabelecem seus costumes e instituições necessárias para garantir sua sobrevivência. Desse modo, desde o seu nascimento, o ser humano necessita estar inserido em grupos, resultando no fato de que, ao longo da vida, estará incluso em diversos grupos, desde o familiar até aqueles que são formados para um objetivo em comum. É por essa razão que “o processo grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica” (LANE, 2001, p. 81).

Nesse sentido, nos resultados obtidos por esta pesquisa, foi destacado o contexto histórico do Grupo de Mulheres, abarcando como se deu a proposta para a criação desse grupo e por qual objetivo foi criado, até sua ‘consolidação’.

É importante ressaltar que o profissional da Psicologia ainda não está incluído na equipe mínima da ESF. Essa ausência gera

sobrecarga do trabalho nos profissionais da equipe e uma tendência a valorizar mais um tipo de problema e algumas formas de solução. Como solução para resolver esse vazio assistencial, as atividades acadêmicas, como os estágios curriculares, possuem uma vantagem de propor novas abordagens e de produzir novas institucionalidades em saúde. Quando foi construída a oferta de Grupo de Pais e, posteriormente, sua transformação em Grupo de Mulheres, ocorreu uma preocupação da equipe para o preenchimento da agenda de atendimento psicológico (que era completa e com espera). Foi preciso arcar com as cobranças durante dois semestres (2012/1º e 2012/2º) para conseguir a visibilidade dos resultados no ano seguinte.

É possível também compreender, diante desses resultados, que algumas pessoas da equipe inicialmente acreditaram que o trabalho com grupo não daria certo, possivelmente porque tinham o pensamento enraizado de que o profissional da Psicologia permanece somente dentro da sala do consultório, realizando atendimentos individuais. Com a chegada das estagiárias, esse pensamento foi totalmente desconstruído, pois demonstrou que o trabalho da Psicologia não está mais enraizado no modelo biomédico, mas, sim, em uma prática voltada para a Saúde Coletiva, atualmente.

Nessa perspectiva, Dimenstein (2001) explica que o psicólogo, através da Psicologia Social e da Saúde Coletiva, trabalha no intuito de auxiliar os indivíduos a reconstruírem suas histórias de vida, para além de diagnósticos e do sintoma, reelaborando o sofrimento e reinventando novas formas de viver em sociedade. Para isso, foca sua atuação para a qualidade do cuidado ao usuário, oferecendo-lhe um espaço de total acolhida, a fim de promover saúde e prevenir adoecimentos. Assim, configura-se o trabalho com o Grupo de Mulheres como um espaço no qual as mulheres são acolhidas e explanam sobre seus sofrimentos da

vida cotidiana, encontrando, através do grupo, um local para promoção de bem-estar social.

Em relação ao processo grupal, Strey *et al.* (2013) pontuam que o ato de pensar deve acontecer não de forma individual, mas, sim, com todos os participantes do grupo, de forma que cada um exponha sua opinião para a tomada de decisões em conjunto. Nesse sentido, pode-se afirmar que o trabalho com o Grupo de Mulheres promoveu a participação mútua de todas as usuárias nas decisões que precisavam ser tomadas em conjunto às mediadoras do processo grupal.

Lane (2001) destaca que viver em grupo permite o confronto de ideias entre pessoas, contribuindo para que cada indivíduo construa o seu “eu”. A vivência em grupo caracteriza-se, assim, como um processo de interação em que são constatadas diferenças e semelhanças entre o que é do próprio indivíduo e o que é do outro. Strey *et al.* (2013), da mesma forma, descrevem que, através do trabalho em grupo, as pessoas podem pensar, elaborar e, enfim, trabalhar suas relações, podendo, com efeito, estabelecer uma única experiência, fazendo com que os participantes sintam-se sujeitos da sua própria história.

Com essa afirmação – e a partir dos relatos das usuárias, estagiárias e também da equipe –, compreende-se que o trabalho com o Grupo de Mulheres foi de fundamental importância para o fortalecimento dessas usuárias que, através da troca de experiências, conseguiram tomar decisões frente às inúmeras situações do cotidiano. Além disso, o trabalho contribuiu para que as participantes pudessem se conhecer melhor e falar sobre suas angústias e dificuldades, reconhecendo que, no grupo, também há outro ser humano que sofre, oportunizando, dessa forma, que fosse desvelado o que lhes era desconhecido.

Rasera e Rocha (2010) pontuam que o trabalho em grupo está relacionado ao coletivo, à troca e à socialização e que, por meio dessa,

o grupo produz conscientização, fazendo surgir o conhecimento sobre si e os outros, além de favorecer para a melhora dos participantes. Nesse sentido, pode-se afirmar que este tipo de trabalho apresenta uma admirável força transformadora.

Assim, ao analisar o discurso dos entrevistados, entende-se que o estágio com o Grupo de Mulheres responde à ESF positivamente para a maioria, mais do que de forma negativa, pois trouxe melhoria e qualidade de vida para as usuárias assistidas pelo grupo, como também maior reconhecimento do trabalho na Unidade, haja vista que, após a oferta desse serviço, houve maior procura pelos atendimentos em grupo, o que reforça a compreensão de que o grupo resulta em uma força transformadora na vida de usuárias e também para a ESF.

Visto por meio dos resultados obtidos, outro fator que merece ser destacado é a questão do sigilo profissional do psicólogo, que foi muito citado. Por meio dos relatos, fica visível que as estagiárias tiveram muito cuidado com o sigilo que é da profissão, respeitando claramente questões éticas apresentadas no código de ética e descritas pelo CFP (2005), a fim de proteger a intimidade de cada uma das mulheres participantes do grupo. Esse aspecto resultou em uma maior credibilidade do trabalho que se propuseram a fazer, pois uma das enormes repulsas dos usuários era falar sobre suas dificuldades para pessoas que não conheciam e não tinham intimidade.

Além disso, através do trabalho com o Grupo de Mulheres, conforme as usuárias destacam nos resultados, essas notaram que, nas reuniões, podiam falar de si mesmas sem se preocuparem, pois não havia julgamentos e muito menos preconceções, o que possibilitou a confiança nas profissionais devido à seriedade e ao compromisso com as identidades de cada participante, além de poderem se perceber e

conseguirem descobrir novas possibilidades para lidar com seus sofrimentos.

Outro dado importante a ser considerado é a alternância das estagiárias facilitadoras do Grupo de Mulheres que, até o primeiro semestre de 2015, ocorria de seis em seis meses. Essa troca de participantes, em pouco tempo, conforme se encontra nos resultados, afeta todo o processo grupal. Desse modo, Lewin (1948), explica que o grupo é uma realidade da qual o indivíduo faz parte e, ao sofrer modificações em suas estruturas ou em sua dinâmica, assim como em seus valores, necessidades, aspirações, expectativas, pode encontrar gratificações ou frustrações, sofrendo total impacto social sobre os indivíduos que o constituem.

Nessa perspectiva, as usuárias começaram a sentir-se incomodadas pela instabilidade do trabalho, devido à modificação de estagiárias, gerando frustrações durante o processo grupal. Por essa razão, foi preciso que o professor orientador de estágio modificasse o tempo de participação das estagiárias para um ano, como pode-se observar nos resultados. Consequentemente, o trabalho com o Grupo de Mulheres ganhou mais qualidade e, por isso, desde o segundo semestre de 2015, as estagiárias passaram a ser substituídas anualmente.

Para Andaló (2006), ao trabalhar com grupos, o profissional da Psicologia oferece aos membros a perspectiva de uma intervenção mediadora, mediação essa que permite que os indivíduos participantes do processo aprendam sobre o mundo que os cerca, facilitando a criação de vínculos e proporcionando vivências, apropriações do novo, reestruturação da vida para o estabelecimento de novos sentidos. Diante dessa afirmação, verifica-se também que, no trabalho com o Grupo de Mulheres, e por meio da mediação das estagiárias de Psicologia, foi

oferecida às usuárias essa apropriação do novo, com o objetivo de reestruturar suas vidas, assegurando, assim, saúde psíquica para elas.

Por conseguinte, é importante mencionar Mailhiot (1998), que diz que há casos de grupos não conformistas, nos quais os membros possuem inclinação para mudança. Conforme o autor, nesse tipo de grupo, as percepções, as atitudes coletivas e os comportamentos são concentrados em crescimento e superação de si mesmo, possuindo, assim, estruturas formais, flexíveis e funcionais que beneficiam relações interpessoais, laços de solidariedade e interações cada vez mais dinâmicas.

Podendo, então, notar que o Grupo de Mulheres da ESF se configura desse modo, pois as usuárias, conforme evidenciado nos resultados, estavam sempre dispostas à mudança, é possível compreender que, após a inserção delas no Grupo de Mulheres, houve mudanças em seus comportamentos, pois passaram a adotar maior compromisso com os tratamentos ginecológicos e com outros tratamentos necessários oferecidos pela Unidade, assim como obtiveram melhoria na convivência no âmbito familiar.

Além do mais, merece ser citada a importância desta pesquisa para a Psicologia e também para as unidades de ESF, pois, no âmbito da atuação com grupos, infelizmente, existem poucas pesquisas recentes. Identificamos, ainda, que os Psicólogos em Divinópolis, que já atuam em ESF, não incentivam a criação de grupos, contrariando o modelo de estrutura da ESF que preconiza trabalhar com os coletivos. Assim, Correia e Moreira (2016) destacam que espaços coletivos para a realização de psicoterapia expressam sua contribuição social nas mais diversas esferas de atuação psicológica, o que reforça, com efeito, o

quanto são importantes pesquisas científicas que contribuam no embasamento e consistência para esse amplo campo de atuação em saúde mental.

Partindo das contribuições de Lapassade (1989) para a Psicologia Social, por meio de suas análises acerca de Sartre, compreende-se os grupos dentro das intuições e organizações, descrevendo as articulações determinantes nas relações grupais. Entende-se, além disso, que os grupos presentes nas instituições têm o poder de alterar todas as relações sociais. Pode-se observar, portanto, que através do Grupo de Mulheres instituído na ESF, a equipe passou a valorizar o trabalho que estava sendo ofertado pelas estagiárias, inclusive auxiliando na divulgação e até mesmo na realização de encaminhamentos para o grupo, conforme a necessidade, devido ao *feedback* (retorno) que estavam alcançando por meio das usuárias assistidas pelo grupo.

Por fim, ressalta-se que, quando a proposta foi lançada, a equipe inicialmente não acreditava que o trabalho com o Grupo de Mulheres teria êxito. Entretanto, essa equipe acolheu as estagiárias, estimulando-as a desenvolverem um trabalho com total liberdade, gerando, com isso, uma repercussão positiva e que já conta com seis anos de trabalho consolidado. Percebe-se, por fim, que o trabalho com o Grupo de Mulheres encontra-se de acordo com as postulações descritas pelos autores mencionados nesta pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou que o trabalho instituído na ESF com o Grupo de Mulheres representa uma atividade que foi se consolidando e que passou a se configurar como um trabalho de enorme

relevância. Em função do aumento da procura por essa modalidade de atendimento, além dos benefícios causados na vida das usuárias já assistidas, como foi relatado, o Grupo de Mulheres gerou respeito da equipe pelo trabalho exercido pelas estagiárias, passando a ser, assim, uma modalidade de atendimento indicada por todos os profissionais da equipe a outras mulheres que ignoravam essa modalidade de atendimento e que estavam carecendo de atendimento psicológico.

Por meio desta pesquisa, foi possível demonstrar que a equipe da ESF ofereceu total abertura para que as estagiárias trabalhassem, ainda que, inicialmente, não esperasse que o trabalho efetivamente pudesse ocorrer. Além disso, a equipe sempre se colocou à disposição do trabalho, o que foi primordial, pois, através da oferta de um espaço para aprendizagem, as estagiárias se comprometeram com o trabalho junto de seu orientador. A propósito, durante muito tempo, os atendimentos ao Grupo de Mulheres ocorreram na paróquia próxima ao antigo endereço da Unidade, o que não impediu, entretanto, que houvesse momentos de parceria entre a Psicologia, a Enfermagem e a Fisioterapia. Com efeito, isso fez com que se cumprisse um dos objetivos pautados pela reorganização da ESF: o de trabalhar os coletivos de forma que possam se desenvolver e se estruturar com o tempo.

No entanto, quando passaram para a nova sede da ESF, os atendimentos ao Grupo de Mulheres tomaram maior visibilidade, o que contribuiu muito para as atividades, pois o trabalho com o grupo adquiriu ainda mais o respeito da equipe, como também dos usuários, resultando em maiores procuras e encaminhamentos para atendimentos, além de fazer com que o Grupo de Mulheres se consolidasse.

Além disso, a ESF é uma das poucas unidades de Divinópolis que presta a modalidade de atendimentos em grupo. Como existem poucas pesquisas e estudos recentes sobre atendimentos em grupo,

esta pesquisa possui significativa importância, sendo divulgada, portanto, a fim de promover maior acesso à informação para os profissionais atuantes em ESF e outros profissionais. Assim, espera-se que, diante disso, esses profissionais possam implantar a modalidade de trabalho em grupos nas unidades em que atuam.

É importante salientar que o Ministério da Saúde preconiza esse tipo de atendimento, tendo em vista que ele permite aos usuários troca de experiências, apresentando-se como um serviço voltado ao cuidado ao usuário, como se pode observar nos relatos de experiências citados nesta pesquisa. O Grupo de Mulheres constituiu-se, nesse sentido, como um trabalho bem estruturado em que as estagiárias de Psicologia realizaram intervenções potentes.

Dessa forma, o trabalho em grupo caracteriza-se pela constante presença de seus membros e por uma rotina de atividades. O Grupo de Mulheres trata de assuntos conforme a demanda gerada pelas usuárias. Assim, as estagiárias realizaram intervenções, a fim de fazer com que cada participante possa refletir e repensar cada temática para, juntas, construir novas possibilidades de enfrentamento das dificuldades colocadas e, assim, terem melhor qualidade de vida em seu cotidiano e relacionamentos.

Pode-se dizer, portanto, que o desenvolvimento do trabalho com o Grupo de Mulheres na ESF possibilitou que as estagiárias compreendessem o quanto o atendimento em grupo pode oferecer retornos positivos, tanto à instituição quanto aos participantes envolvidos, como foi possível observar nos relatos colhidos. Isso se deve a uma formação comprometida com as usuárias e também com toda a equipe da ESF, levando a sério, sempre, o trabalho que se propuseram a fazer.

Destaca-se, também, que o profissional da Psicologia, ao atuar com grupos, deve estar aberto à capacidade empática para receber as demandas geradas por cada participante. Deve, além disso, explorar as situações colocadas, transformando-as em um grupo terapêutico, levando os membros para a troca de experiências, assim como para fornecer-lhes acolhimento, escuta ativa, aprendizagem e, juntos, possam encontrar soluções a cada demanda colocada.

No que diz respeito aos marcadores analíticos abordados no tópico 4.1, foi desvendado, de acordo com os dados analisados das entrevistas, o contexto histórico do Grupo de Mulheres, sendo identificado que o grupo teve seu início no ano de 2013 e que sua consolidação ocorreu a partir do ano de 2016. No tópico 4.2, ao serem descritos os aspectos particulares desse grupo, foi possível identificar que se trata de um grupo homogêneo, formado apenas por mulheres e composto, em sua maioria, por 'jovens senhoras'. Durante os encontros, foram trabalhadas diversas temáticas por meio de rodas de conversa sobre: sexualidade, autoestima, cuidados pessoais, relacionamentos (principalmente conjugal), ansiedade. Também foram realizadas oficinas de dança, técnicas de relaxamento corporal e respiratório e técnicas teatrais.

Em relação ao tópico 4.3, foi discutida a importância do trabalho em grupo, destacando-se a sua fundamental importância, haja vista que esse tipo de trabalho proporciona, aos participantes, um lugar onde podem se expressar, um espaço totalmente acolhedor e sem julgamentos. Além disso, no trabalho em grupo, ocorre troca de experiências, o fortalecimento de vínculos, estimula-se o trabalho em equipe e, com a realização do Grupo de Mulheres, houve uma significativa diminuição da fila de espera na ESF, promovendo, assim, saúde psíquica e empoderamento feminino às participantes.

No item 4.4, foram descritos aspectos do estágio curricular na ESF, além de quais foram os pontos positivos e negativos adquiridos após a inserção do Grupo de Mulheres na unidade. Foi possível observar que o trabalho desenvolvido apresentou mais pontos positivos, pois, através dele, alcançou-se um significativo número de mulheres atendidas. Também foi observada a notória eficácia do tratamento terapêutico em grupo, visto que as mulheres atendidas tornaram-se mais autônomas e independentes e, com isso, passaram a utilizar mais a Unidade de saúde para se cuidarem.

Em seguida, no item 4.5, foram descritos aspectos do trabalho em grupo e de forças transformadoras que esse apresenta, destacando-se que as usuárias, ao frequentarem o grupo, adquiriram muitos ganhos, pois melhoraram a convivência com marido e filhos, adquiriram equilíbrio emocional, passaram a se preocupar mais consigo mesmas, valorizando sonhos e projetos que, há muito tempo, estavam adormecidos pelo cotidiano. Mais adiante, no tópico 4.6, foram descritas as dificuldades enfrentadas durante todo o estágio com o Grupo de Mulheres, identificando que as maiores dificuldades relacionavam-se, inicialmente, à questão do espaço físico na unidade, à aceitação das usuárias pela troca de estagiárias, à condução do tempo de atendimento em grupo e ao estabelecimento de vínculo entre usuária e estagiária.

Por fim, com o desenvolvimento deste trabalho, espera-se contribuir com todos os psicólogos, principalmente aqueles que atuam em ESF, pois o trabalho com grupos é uma modalidade de atendimento que oferece aos usuários a oportunidade de trocas de experiências, a procura de qualidade de vida e melhoria no comportamento e aprendizagem. Além disso, o psicólogo, ao trabalhar com grupos, cumpre a proposta de trabalho de ESF, garantindo a promoção da saúde entre usuárias e estagiárias.

FIGURA 1: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DO GRUPO DE MULHERES



GRUPO DE MULHERES

Encontros Semanais

**ESTÁGIO CURRICULAR
PSICOLOGIA/UEMG**

Fonte: Arquivo das estagiárias.

FIGURA 2: UNIDADE DA ESTRUTURA SAÚDE DA FAMÍLIA – ESF



Fonte: Arquivos das estagiárias.

7. REFERÊNCIAS

ABADE, Flávia Lemos *et al.* Oficinas em dinâmica de grupos na área da saúde. In: AFONSO, Maria Lúcia (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006a, p. 26-48.

ABADE, Flávia Lemos *et al.* Como construir uma proposta de oficina. In: AFONSO, Maria Lúcia (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006b, p. 133-230.

ANDALÓ, Carmen. **Mediação Grupal: uma leitura histórico-cultural**. 1ª. Ed. São Paulo: Ágora, 2006, 144 p.

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. A Prática da Psicologia da Saúde. **Rev. SBPH**, v.14, n.2, dez. 2011, Rio de Janeiro. Disponível em: <encurtador.com.br/mABHO>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BAREMBLITT, Gregório F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 5ª ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari, 2002, 205p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A implantação da Unidade de Saúde da Família**. Milton Menezes da Costa (Org.). Secretaria de Políticas de Saúde – Departamento de Atenção Básica, 2000, 44 p. Disponível em: <encurtador.com.br/orySX>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Sobre o Estágio de Estudantes** – LEI No 11.788. Casa Civil, 25 set. 2008. Disponível em: <http://twixar.me/1hrK>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica (PNAB)**. Portaria nº2.436, 2017. Disponível em: <encurtador.com.br/apvFX>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Cuidado da Pessoa em Sofrimento: conceitos gerais e aplicações práticas. In: **Cadernos de Atenção Básica**: Saúde Mental. Brasília, 2013. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf > Acesso em: 15 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Grupos e Saúde mental. *In: Cadernos de Atenção Básica: Saúde Mental*. Brasília, 2013, 121-122 p. Disponível em:

<http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_34.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. In: A pesquisa em Memória Social. 3^a. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013, 224 p.

CADASTRO NACIONAL DE ESTABELECIMENTO DE SAÚDE (CNES). Ministério da Saúde – MS, 2018. Disponível em: <<http://cnes.datasus.gov.br/>>. Acesso em: 5 maio 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução nº 010, jul. 2005. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Disponível em: <<http://twixar.me/0ZrK>>. Acesso em: 28 out. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Atribuições do Profissional Psicólogo no Brasil**. Ministério do Trabalho, 1992. Disponível em: <<http://twixar.me/vZrK>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

CORREIA, Karla Carneiro Romero; MOREIRA, Virginia. A Experiência Vivida por Psicoterapeutas e Clientes em Psicoterapia de Grupo na Clínica Humanística Fenomenológica: um estudo fenomenológico. **Psicol. USP**, v. 27, n. 3, São Paulo, 2016, 531-541p. Disponível em: <<http://twixar.me/cZrK>>. Acesso em: 7 nov. 2018.

DIMENSTEIN, Magda. O Psicólogo e o Compromisso Social no Contexto da Saúde Coletiva. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 2. Maringá, 2001, 57-63 p. Disponível em: <encurtador.com.br/hFIP8>. Acesso em: 20 out. 2018.

DIMENSTEIN, Magda, *et al.* O Apoio Matricial em Unidades de Saúde da Família: experimentando inovações em Saúde Mental. **Rev. Saúde soc.** v.18, n.1, 2009, 63-74 p. Disponível em: <encurtador.com.br/aloRU>. Acesso em: 15 abr. 2018.

FRANCO, Tulio Batista; MERHY, Emerson Elias. Programa Saúde da Família (PSF): contradições de um programa destinado a mudança do modelo tecnoassistencial. *In: MERHY, Emerson Elias et al. O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano*. 2^a ed. São Paulo: Hucitec, 2004, cap. 3, 55-124 p.

LANE, Sílvia Tatiane Maurer. Psicologia social: o homem em movimento. *In: O processo grupal*. 13^a ed. São Paulo: Brasiliense, 2001, 78-98 p.

LANE, Sílvia Tatiane Maurer. **O que é Psicologia Social**. 18^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, 87 p.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, organizações e instituições**. 3. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989, 316 p.

LEWIN, Kurt. **Problemas de Dinâmica de Grupo**. São Paulo: Cultrix, 1948, 242 p.

MAILHIOT, Gérald Bernard. **Dinâmica e gênese dos grupos**: atualidade das descobertas de KURT LEWIN. 8^a ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998, 188 p.

MARTINS, André Amorim. **Relatórios de Estágio produzidos no período de 1º/2013 a 1º/2017**. Universidade do Estado de Minas Gerais. Divinópolis, 2013/2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em Saúde. 14^a ed. São Paulo: HUCITEC, 2014, 404 p.

RASERA, Emerson Fernando; ROCHA, Rita Martins Godoy. Sentidos sobre a prática grupal no contexto de saúde pública. **Psicologia em Estudo**, vol. 15, n. 1. Maringá, p. 35-44, 2010. Disponível em: <<http://twixar.me/1vrK>>. Acesso em: 24 out. 2018.

ROGERS, Carl R. **Grupos de Encontro**. 8^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

STREY, Marlene Neves *et al.* **Psicologia Social Contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)...

ANDRÉ AMORIM MARTINS

Líder do Grupo de Pesquisa CNPq/UEMG – Núcleo de Psicologia sobre Educação, Paz, Saúde, Subjetividade e Trabalho do Curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG Unidade Divinópolis. Endereço eletrônico: andre.martins@uemg.br

NAIANA MENDES DE MORAES

Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG Unidade Divinópolis. Endereço eletrônico: naiianapsi2018@gmail.com